

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Interfaces entre Psicologia e Cibernética [interfaces entre la psicología y la cibernética]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

|               |   |
|---------------|---|
| Item Type     | Article   |
| Authors       | Goldberg, Leonardo  |
| Publisher     | Espaço Ética Ltda.  |
| Rights        | Creative Commons Copyright (CC 2.5)   |
| Download date | 2026-06-15 00:25:58   |
| Link to Item  | <a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/233804">http://hdl.handle.net/20.500.12424/233804</a> |



**Como é possível gerenciar a  
escassez de recursos naturais  
incentivando o consumo?**

## Interfaces entre Psicologia e Cibernética: notas sobre escritura, identidade digital e morte nos websites de redes sociais (WRS)

Leonardo Goldberg<sup>1</sup>



O presente trabalho teve como objetivo apresentar uma interface entre a psicologia e a cibernética, abordando temas como escritura, legado e identidade digital e a questão da morte, especificamente nos websites de redes sociais (WRS). Para isso, foram trabalhadas questões teórico-conceituais e uma pesquisa no WRS Myspace. O trabalho finda com uma questão que concerne ao corpo, dentro de um espectro teórico e possibilidades de questionamento na área sobre possíveis transformações nas relações a partir dos WRS.

O objetivo deste escrito é apresentar algumas questões que concernem à intersecção entre a psicologia e a cibernética, assim como demonstrar a urgência de uma psicologia direcionada aos estudos ciberculturais e cibernéticos e a aplicabilidade programática dos websites de redes sociais (WRS) no cotidiano.

Como podemos pensar em uma escrita na qual o outro está presente de maneira ininterrupta? A escrita nasce a partir da ausência do receptor; encontra um sentido na falta do outro, pois se o outro está presente, costumamos falar. Quando existe essa ausência, a escrita se justifica, como aponta Derrida (1971). O usuário que tem acesso a meios de comunicação como o WhatsApp sabe da presença do outro através de um dispositivo que indica se seu interlocutor está on-line ou não, se leu a mensagem ou não, se a recebeu ou não, e o determinado momento cronológico de cada ato. Os meios de comunicação dos WRS indicam uma teleologia: enquadram na ordenação cronológica e em uma espécie de possibilidade de controle do acaso cada ato que concerne à linguagem, em algo editável e dedicado ao programa.

Programático e programável, o usuário que cruza com uma mulher bonita no meio da rua e está cadastrado em determinado WRS depara no celular com os dados de tal mulher: onde ela estudou, que tipo de música costuma ouvir, lugares que costuma frequentar e informações sobre sua vida particular (aplicativo *happn*<sup>2</sup>).

Outros WRS indicam a possibilidade do usuário se hospedar na casa de outros usuários sem a necessidade de hotel, hospedar seus animais de estimação ou até encontrar um guardião para seus bens materiais.

Exemplos não nos faltam: de WRS de relacionamentos amorosos à hospedagem, tudo que concerne à vida cotidiana está sendo transposto para a linguagem programática, ou escritura programática.

<sup>1</sup> Psicólogo, psicanalista, mestre em Educação, Arte e História da Cultura (Universidade Presbiteriana Mackenzie) e doutorando do Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>2</sup> Cf. <<https://itunes.apple.com/br/app/happn/id489185828?mt=8>>, o aplicativo utiliza dados de localização por GPS do usuário e faz um cruzamento com outros usuários na medida em que estes se locomovem e os dados de localização se cruzam.



No presente trabalho, nos ateremos a questões relativas à morte nas WRS, apresentando a descrição de alguns fenômenos que devem interessar a uma psicologia e no que se refere a atitudes perante a morte, o luto, o legado e a identidade digital.

Após o falecimento de usuários, cada WRS lida com tal questão de determinada maneira: no Facebook, os familiares ou amigos podem requisitar o apagamento da conta ao enviar atestados de óbito, ou transformar a página em um memorial, o que significa a impossibilidade de interação direta, como enviar mensagens ou fazer atualizações do perfil do usuário falecido. O WRS em questão criou tal possibilidade a partir de relatos de incômodo de diversos usuários que encontravam perfis de falecidos “flutuando” na programação: aparecendo como “sugestões de amizade”, em datas comemorativas e em memórias, artifícios que o Facebook criou para estimular a interação entre usuários.

A cultura encontra suas formas de lidar com o fenômeno e vice-versa: um interessante episódio do seriado inglês *Black Mirror*, chamado *Be Right Back*<sup>3</sup>, enreda um protagonista que, dentro da cena da relação de um casal, passa grande parte do dia interagindo provavelmente em WRS, sempre com o celular na mão, enviando e recebendo mensagens e acessando conteúdo. O episódio aborda a questão do *data*, do conjunto de informações pessoais incorporadas no digital. Nas cenas seguintes, o protagonista, Ash, falece, provavelmente em um acidente de carro, e o que se passa é o desespero de Martha, sua esposa, ao lidar com a perda abrupta. Durante o funeral, Sarah, amiga de Martha, sugere que ela comece a usar um dispositivo criado para lidar com a morte: tal dispositivo simula, incorporando os dados da linguagem usada pelo usuário antes de morrer, conversas e padrões de como o usuário lida com outros. Martha então começa a se comunicar em uma espécie de comunicador instantâneo com o programa, e se encanta com a reprodutibilidade dos traços e padrões de Ash, simulados pela programação. A partir daí a trama se desenrola na construção de um autômato que reproduz imagem, características e atitudes do falecido, antigo anseio da humanidade. Dá o salto do espectro de uma linguagem

<sup>3</sup> Cf. <<http://www.imdb.com/title/tt2290780/>>.

para o corpóreo, algo objetivado pela primeira geração dos estudiosos da cibernética no Massachusetts Institute of Technology (MIT), após Norbert Wiener. Mas o que nos interessa se relaciona à ideia de incorporação das informações pessoais, das atitudes e padrões do falecido impregnados na linguagem deste, podendo ser acessadas por meio de conversas ou memoriais. Ou seja, do legado digital do falecido e da forma como os vivos interagem com esse legado através dos perfis de usuários falecidos. Tal questão se relaciona tanto com a cibernética, a comunicação entre humano e máquina, quanto com a questão direta de uma linguagem contida na escritura.

Nos WRS podemos encontrar perfis de falecidos que continuam sendo sustentados por informações das famílias e amigos. Em um importante trabalho na área, Jed R. Brubaker, pesquisador da Universidade do Colorado Boulder, que desenvolve trabalhos específicos no que concerne à morte nos WRS, escreveu com Gillian R. Hayes um artigo denominado “‘We will never forget you [online]’: An empirical investigation of post-mortem Myspace comments” (2011), no qual analisou comentários postados em 1.369 perfis de usuários falecidos no WRS Myspace, similar ao Facebook e muito popular na época nos Estados Unidos. O autor estabelece uma importância condicional para entender os WRS, a compreensão dos comentários pós-morte. Os comentários encontram picos de audiência e intensidade no funeral e logo após, e depois em datas comemorativas (Natal, Dia dos Namorados, Ano-Novo e Dia da Independência dos Estados Unidos). Também é muito interessante a divisão dos comentários por categorias, que os autores estabelecem em três: *memórias compartilhadas*, em que o usuário compartilha com o perfil do falecido alguma memória na qual eles estavam inseridos; *postagens de atualizações*, em que o usuário informa ao perfil do falecido sobre novidades em sua vida; e uma

*conexão mantida*: quando o usuário estabelece uma forma de se comunicar com o perfil do falecido para que uma espécie de conexão entre eles não seja perdida, por exemplo, “I know people read these comments and think I am weird to post stuff like this, but is the only way I feel like I can still connect” (BRUBAKER; HAYES, 2011).

O trabalho conclui que muitas pessoas utilizam os WRS para continuar amizades com os perfis de usuários mortos, enviando informações e compartilhando sentimentos, como uma prática de memorialização contínua. Brubaker e Hayes (2011) estabelecem que padrões já existentes nas atitudes perante a morte se intensificam nos WRS e se amplificam (mais datas comemorativas indicam intensidade na relação dos vivos com os perfis de usuários falecidos).

Tais atitudes perante a morte nos levam a pensar na importância desses estudos para a psicologia e a cibernética, sobretudo no que diferencia os comportamentos dos usuários nos WRS e na linguagem. Afinal, os WRS intermediam a comunicação por meio da escritura da escritura. Ou seja, existe uma programação.

Lembremo-nos de que o sonho do autômato e da imortalidade através da tecnologia é inerente ao humano. Algumas organizações, sobretudo no Reino Unido, se preocupam em administrar a manutenção das informações do usuário falecido (legado digital) e desenvolvem serviços que podem ser adquiridos pelos usuários para que possam ficar tranquilos quanto a isso. A questão perpassa a esfera jurídica e é objeto de diversas discussões na União Europeia. A Digital



Legacy Association<sup>4</sup> oferece treinamentos para profissionais de saúde em hospitais e corporações, desenvolve grupos de pesquisa e conferências sobre a administração do legado digital depois da morte dos usuários. Tudo que concerne ao atravessamento da cibernética nas áreas da saúde é trabalhado pelo grupo, que mantém um projeto piloto chamado *deadsocial.com*, uma espécie de WRS destinado ao *backup*, organização e manutenção das informações de usuários falecidos.

A experiência da cibernética, ainda no que concerne ao ciberespaço, coloca em xeque algumas questões cruciais do mundo digital. Zizek (2013, p. 117) refere-se à questão do corpo, crucial para a filosofia e urgente diante dos dados levantados, dos cemitérios virtuais às práticas de memorialização e conservação dos perfis e informações dos usuários falecidos

[...] o alívio que sentimos flutuando no livremente no ciberespaço (ou, até mais, na Realidade Virtual) não são a experiência de estar sem corpo, mas a experiência de possuir outro corpo – etéreo, virtual, sem peso –, um corpo que não nos confina à materialidade inerte e à finitude, um corpo espectral angélico, um corpo que pode ser recriado e manipulado artificialmente.

A descrição parece um ideal religioso e coloca em voga a questão do corpo em seu radical. De fato, se o corpo não materializado, editável, manipulável, habita os WRS, tal condição nos faz refletir sobre possíveis transformações no processo de luto a partir dessa realidade. Afinal, o luto outrora dependia sobretudo de um afastamento, ao menos geográfico: o *corpo*, ao menos no conjunto de informações e na flutuação na programação, não habitava os dispositivos que se encontram nos bolsos dos entes queridos.

### Referências bibliográficas

BRUBAKER, J. R.; HAYES, G. R. "We will never forget you [online]": An empirical investigation of post-mortem MySpace comments. In: CONFERENCE ON COMPUTED SUPPORT COOPERATIVE WORK, 2011, Hangzhou, China. *Anais...* Hangzhou, 2011.

DERRIDA, J. *Firma, acontecimento, contexto*. Comunicación en el Congreso Internacional de Sociedades de Filosofía de lengua francesa "La comunicación". Tradução C. González Marín. Montreal, 1971.

WIENER, N. *Deus, Golem e cia*. Tradução Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, [1967] 1971.

ZIZEK, S. *O amor impiedoso* (ou: Sobre a crença). Tradução Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

<sup>4</sup> Cf. <<http://digitallegacyassociation.org/home/news/>>.